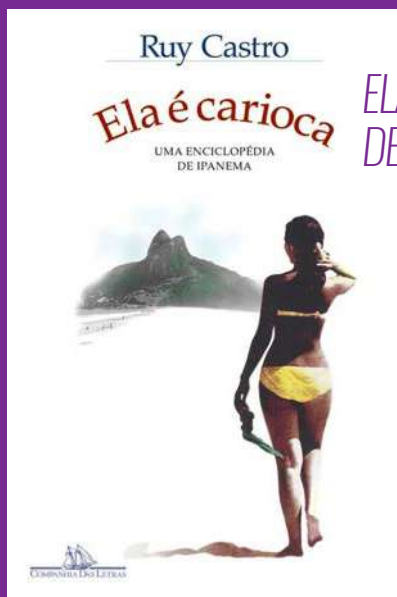


Roda Gigante &

LITERATURA



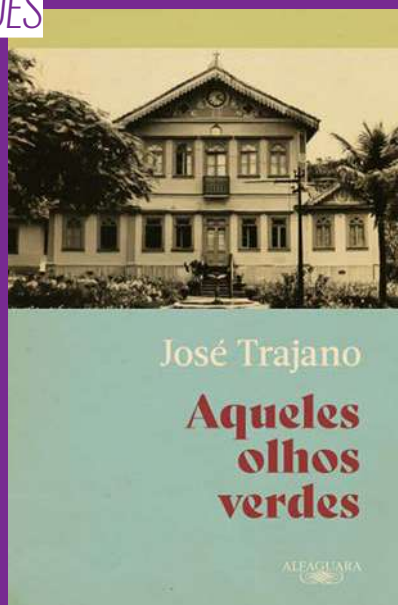
ELA É CARIOCA - UMA ENCICLOPÉDIA DE IPANEMA RUY CASTRO

Nesta edição ampliada, atualizada e definitiva, Ruy Castro apresenta 237 mini-biografias de homens e mulheres fascinantes que marcaram Ipanema e a cultura brasileira de 1910 a 1970. O que os une? Uma estreita faixa entre o Atlântico e a Lagoa Rodrigo de Freitas, chamada Ipanema, no Rio de Janeiro. Para Castro, “produziu-se a maior quantidade de cronistas, poetas, romancistas, designers, arquitetos, cartunistas, artistas plásticos, compositores, cantores, jornalistas, fotógrafos, cineastas, dramaturgos, roteiristas, cenógrafos, figurinistas, atores, diretores de TV, modelos, estilistas de moda e esportistas de que se tem notícia no Brasil”. E é acompanhando sessenta anos dessa “província de cosmopolitas” que influenciou decisivamente na cultura brasileira, que nos transportamos ao fervilhante clima cultural da época, que lançou grandes nomes para todo o mundo. O que é Ipanema? Tom Jobim, Leila Diniz, Rubem Braga, Tônia Carrero, Millôr Fernandes, Danuza Leão, Vinicius de Moraes, Fernando Gabeira, Jô Soares, João Saldanha, Paulo Francis, Odette Lara, Glauber Rocha, Ibrahim Sued, Alair z, Jaguar, Marina Colasanti, Ira Etz, Ferreira Gullar, Roniquito de Chevalier, Nelson Motta, Cazuza, Zózimo Barrozo do Amaral, Ziraldo, Zuzu Angel, e muito mais.

AQUELES OLHOS VERDES

JOSÉ TRAJANO

Fanático torcedor do América/RJ, escritor, jornalista e produtor musical, José Trajano inciou sua carreira em 1963 no Jornal do Brasil. Durante a Ditadura editou importante jornal da chamada “imprensa nanica ‘O Ex’”. Com passagens pela Folha de São Paulo, Globo, Tv Cultura, entre outros, em 1994 José Trajano foi fundador da ESPN Brasil, em seu novo livro, “Aqueles olhos verdes”, misturando ficção e realidade, nos leva a um delicioso passeio pelas festas, culinária, futebol, tradições, música e política do Brasil do final dos anos 1930 até o início dos 1960. O ano é 1938. Vicente Meggiore pede ao irmão José Reis que o encontre no estádio das Laranjeiras. O motivo, logo se descobre, não era assistir ao Fluminense dando uma volta olímpica pela conquista do bicampeonato. Vicente precisa que o caçula escolte um fugitivo do governo de Getúlio Vargas a um local seguro, até que a situação política se acalme. Zé Reis não gosta do envolvimento do irmão com os camisas-verdes, mas, como lhe devia favores, resolve ajudá-lo. O leitor é levado, então, para uma fazenda no interior do Rio de Janeiro – palco central da vida de Zé Reis, onde ele receberá figuras como Plínio Salgado, Zizinho, Dori Kürschner e Chiquinho do Acordeon. Encantado com as pessoas e a natureza da região, Zé Reis mergulha na cultura local e exalta suas tradições. Zé Reis é uma homenagem de José Trajano ao avô, que, assim como o personagem, gostava de cavalos e frutas e era um pro-seador de primeira – só não ligava para futebol.



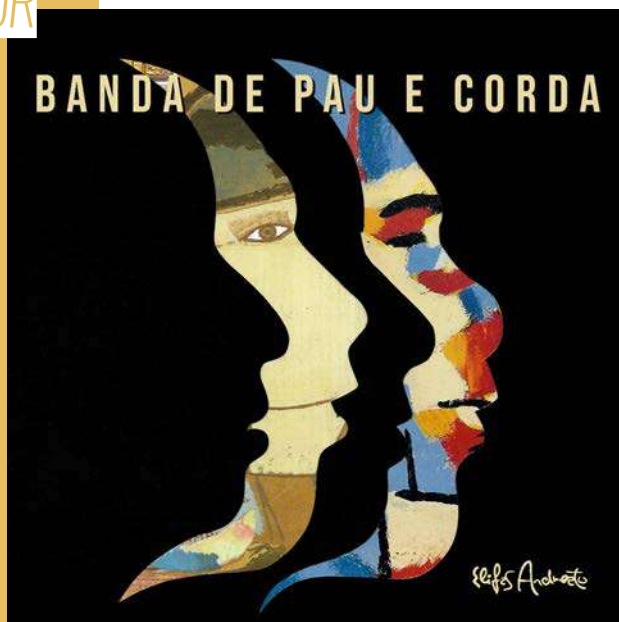
MÚSICA

MISSÃO DO CANTADOR

BANDA DE PAU E CORDA

Em atividade a quase cinco décadas, desde 1972, a Banda de Pau e Corda é um dos grupos mais longínquos da música popular brasileira. Integrante de um movimento de renovação da música popular feita no Nordeste que tinha como epicentro o Recife, o grupo foi responsável, junto a nomes como Quinteto Violado, Geraldo Azevedo e Alceu Valença, por criar uma canção popular urbana com características marcadamente nordestinas. E fez disso a sua missão. Após quase 30 anos sem entrar em estúdio para gravar um trabalho inédito, o grupo agora apresenta o fantástico “Missão do Cantador”, título que dá nome ao álbum e também à sua faixa de abertura, marca uma espécie de retorno da Banda de Pau e Corda em sua essência. Com caprichada produção da Biscoito Fino, traz 13 faixas envoltas em flautas, viola e origens preservadas, um disco predominantemente autoral, que tem produção assinada por José Milton e capa por Elifas Andreato, que em 1978, fez a capa do LP “Arruar”, a “mais icônica” da discografia do grupo, para seus integrantes. Duas participações especiais merecem consideração; Zeca Baleiro em “Tudo num Balaio só” - canção de Murilo Antunes e Natan Marques - e em “Fogo de Braseiro”, Chico César dá o tom à ‘pedra de amolar facão, da fonte que não seca, da ideia que se expande, do rasgo que semeia o chão’.

BANDA DE PAU E CORDA



SOU ASSIM ATÉ MUDAR

MART'NÁLIA



MART'NÁLIA

Mart'nália é o samba em pessoa, já dizia Caetano Veloso. Não é uma cantora no sentido de ser simplesmente uma intérprete que se dedica ao gênero, carrega, como poucos, o samba na voz, no corpo, no pensamento, na fala que chia no sorriso, no andar, no modo de existência que defende em cada ato. Na música e fora dela, aposta na alegria como enfrentamento as dores que este tempo cinza escuro tenta nos impor. Encarna em si o tal grande poder transformador, filho da dor e pai do prazer, como o próprio Veloso já descreveu o samba. Em seu novo álbum, expõe ainda mais essas nuances a começar pelo título; “Sou assim até mudar”, apresentando a caminhada do gênero musical, de Sapucaí e de baile black, de Copacabana e de Salvador, de doença e de vacina, de veneno e de sonho. O álbum traz na sua origem como tudo que foi gerado nos últimos meses a marca da pandemia e da quarentena. A leveza de que Mart'nália fala se afirma no disco na sonoridade de graves recheados e grooves cheios de suavidade carioca sob produção de Zé Ricardo, que assina também, ao lado de Maurício Piassarollo, os arranjos do disco.

Roda Gigante&

CINEMA

BELA VINGANÇA



(Promising Young Woman, 2020, EUA/ING)

- Direção: Emerald Fennell
- Elenco: Carey Mulligan, Bo Burnham, Laverne Cox, Alisson Brie,
- Adam Brody, Sam Richardson, Chris Lowell, Alfred Molina
- Duração: 113 minutos

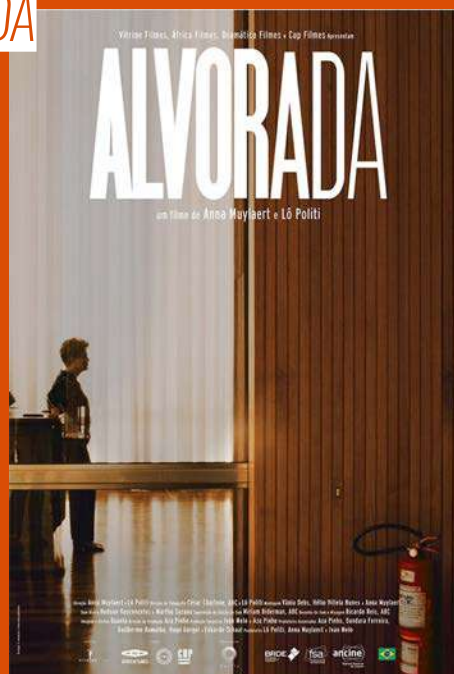
Cassie Thomas (Carey Mulligan), de 29 anos, é uma mulher com muitos traumas, a forma de lidar com eles, a torna um 'vingadora' que vai sozinha a boates fingindo estar bêbada, como forma de atrair predadores, para mostrar-se a caçadora de fato que quer vingança. Quando os pseudos algozes começam a tirar as roupas dela, o plano falha. De repente, o olhar de Cassie se concentra e seu tom de voz se torna mortal. "O que você está fazendo?", ela pergunta a eles. Ela não está bêbada, e a violência toma outra forma. Entre os temas centrais do filme, vencedor do Oscar de melhor roteiro original, estreia da britânica Emerald Fennell, estão a violência contra a mulher e machismo. A heroína, se dá para dar essa descrição ao personagem, excelentemente interpretado por Mulligan, que também foi indicada ao Oscar, tem a capacidade e as oportunidades para ter um grande futuro, mas não consegue superar os traumas, mesmo que não tenha sido a vítima direta. Em resumo, a vida tornou-se uma vingança.

ALVORADA

(BRA, 2020)

- Direção: Anna Muylaert e Lô Politi
- Duração: 90 minutos

O documentário Alvorada acompanha o cotidiano da presidente Dilma Rousseff dentro do palácio que dá nome ao documentário, tradicional morada da presidência da república, desde a emblemática votação na Câmara dos Deputados que instaurou o processo de Impeachment até a sessão no Senado que confirmou a destituição da presidente em 2016. O filme é um interessante instrumento de análise, que se une a outros pontos do emblemático processo que alterou o cenário da democracia no país, na triangulação, impeachment, suspensão de direitos, e direcionamento da opinião pública. Integra com "O Processo" (2018), que foca no âmbito jurídico do Impeachment e "Democracia em Vertigem" (2019), indicado ao Oscar 2020, com ênfase na opinião pública, uma trilogia sobre as mudanças políticas recentes em nosso país. A opção do diretor deste documentário é a abordagem humana da mulher, que esteve no centro da questão, mas que muitas vezes é esquecida em meio aos debates: a presidente deposta. É de todos, o menos político e que detalha a humanidade por trás do cargo institucional. ■



Amar



Fundamental
Médio | Técnico



@univapcolegios

@colegiosunivap

www.colegiosunivap.com.br

colégios
Univap

